

# A Juventude de Origem Popular em Busca Do Ensino Superior Público: Entre Sonhos, Dificuldades e Desigualdades

Laís Santana Santos

*Graduanda em Pedagogia, Universidade Federal de Sergipe UFS - 49100-000, São Cristóvão-SE, Brasil. Integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) - CNPq/UFS, no Projeto de Pesquisa intitulado: "Jovens de camadas populares: acesso e permanência na universidade" sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria Freitas Teixeira (Departamento de Educação/NPGE/NGECIMA).*

*laissantana18@yahoo.com.br*

*(Recebido em 30 de outubro de 2009; aceito em 30 de novembro de 2009)*

---

O presente artigo apresenta resultados finais do trabalho desenvolvido como bolsista voluntária de iniciação científica e simultaneamente propõe a discussão sobre a temática relacionada à inserção e permanência de jovens de camadas populares na universidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa centrada em alguns levantamentos bibliográficos e no uso de entrevistas semi-estruturadas, envolvendo estudantes de diferentes cursos, a fim de compreendermos as estratégias adotadas por esses jovens para garantir ingresso e permanência na Universidade Federal de Sergipe. Foram realizadas dez entrevistas das quais selecionamos duas para aprofundar o estudo aqui apresentado. De modo geral, a análise do material nos indicou a relação estabelecida entre trajetória sócio-escolar e estímulos individuais e familiares que possibilitam o acesso e a permanência desses jovens na universidade pública.

PALAVRAS-CHAVES: Educação, Ensino Superior, Desigualdades sócio-educacionais.

Présent article présente des résultats finaux du travail développé comme boursière volontaire d'initiation scientifique et simultanément il propose la discussion sur la thématique rapportée à l'insertion et la permanence de jeunes de couches populaires à l'université. Il s'agit d'une recherche qualitative centrée dans quelques enquêtes bibliographiques et en l'usage d'entrevues semi-estruturadas, en impliquant étudiants de différents cours, nous comprendrons les stratégies adoptées par ces jeunes pour garantir de l'admission et de la permanence à l'Université Fédérale de Sergipe. Ont été réalisées dix entrevues desquelles nous sélectionnons deux pour approfondir l'étude ici présentée. De manière générale, l'analyse du matériel nous a indiqué la relation établie entre trajectoire sócio-escolar et stimulations individuelles et familiales qui rendent possible l'accès et à permanence de ces jeunes à l'université publique.

MOTS – CLÉS: Éducation, Enseignement Supérieur, Inégalités sócio-educacionais.

---

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por finalidade discutir os resultados obtidos a partir do plano de trabalho intitulado “Estudantes de origem popular no ensino superior: mas afinal o que é “ser um estudante universitário”? vinculado ao Projeto de Pesquisa – *Jovens de Camadas Populares: Acesso e Permanência na Universidade*, que foi desenvolvido mediante uma bolsa de iniciação científica (voluntária) sob a orientação da Professora Dra. Ana M. F. Teixeira (DED/NPGE/NGECIMA).

Buscando analisar como estes estudantes universitários de origem popular conseguem escapar do processo seletivo que caracteriza nossa sociedade, procuramos compreender estratégias utilizadas por eles para ingressar na Universidade Federal de Sergipe (UFS), bem como investigar os impasses ocasionados pelas desigualdades educacionais que ainda são presentes em nossa realidade. Para além do ingresso, é preciso também desvendar como constroem mecanismos de superação das dificuldades encontradas ao longo de suas trajetórias escolares, considerando que o vestibular é um dos desafios a ser superado.

É importante salientar que se trata de uma pesquisa de natureza qualitativa, visto que busca aprofundar-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, aspirações, valores, atitudes, crenças desses indivíduos, não podendo reduzir-se àquilo que é quantificável (MINAYO, 1994).

Para isto, fizemos uso de importantes instrumentos de coleta de dados: a entrevista semi-estruturada e a observação participante, através dos quais tivemos acesso a informações que perpassam o percurso desses estudantes. Para tanto, foram elaborados previamente os roteiros abordando sobre os seguintes aspectos: dados pessoais, trajetória escolar, o ser estudante universitário, sua própria relação com o mundo, o outro, a universidade – enfim, dos obstáculos aos desafios encontrados, seguidos da realização das entrevistas e das transcrições que foram cuidadosamente elaboradas. Considero-as como experiência singular, pois além de nos aproximar aos fatos observáveis em análise, nos abre a possibilidade de perceber como estes sujeitos construíram sua trajetória escolar, social e cultural.

Como expõe Léon (2005), o jovem é produto das relações sociais, históricas, culturais e relacionais das sociedades contemporâneas, sendo necessário que o compreendamos a partir dos diversos fatores que determinam sua condição juvenil, visto que cada indivíduo vivencia de maneira muito peculiar as suas experiências.

Percebe-se que este campo de análise tem ganhado espaço na área da pesquisa em educação, o que nos indica que os jovens provenientes de classes populares têm se tornado alvo de investigação, como também de preocupação na agenda das políticas públicas.

Portanto, é notável a necessidade de entendermos os mecanismos que esses jovens, reflexos das diferentes transformações ocorridas na sociedade, foram capazes de mobilizar no decorrer de suas trajetórias, de maneira a alcançar o ensino superior público na Universidade Federal de Sergipe e, ao mesmo tempo, manter-se nele.

## 2. MAS QUEM SÃO OS JOVENS?

O termo juventude foi referenciado à adolescência por um longo tempo, deixando indivíduos com mais de dezoito anos à margem de políticas públicas específicas a sua condição juvenil; visualizava-se essa etapa como um período intermediário entre a infância e a vida adulta cujos principais objetivos de sua formação eram a preparação para o trabalho e, conseqüentemente, o ingresso no mundo adulto. Abramo (2005) afirma que “Por muito tempo, pelo menos até os anos 1960, a visibilidade da juventude no Brasil ficou restrita a jovens escolarizados de classe média, situação que condensava o significado da condição juvenil” (p. 38). Logo, as características das políticas públicas que vão se sedimentando são apenas de cunho punitivo, preventivo ou de resgate da criminalidade e de inserção no mercado de trabalho. Onde estariam os demais jovens, aqueles provenientes de classes populares? Essa é uma questão a se refletir.

A partir da década de 1990, o olhar das políticas públicas, de ONGS (Organizações não governamentais), de Fundações Empresariais volta-se para o contexto juvenil numa dimensão de cunho educativo, de retorno à escola, assistência aos jovens carentes, financiamento escolar, entre outras (ABRAMO, 2005). Neste contexto, a diversidade da juventude brasileira e os jovens de camada popular passam a ser observados a partir de suas peculiaridades, requerendo espaços de participação na “agenda pública”. Atualmente, percebe-se que o reconhecimento do jovem como sujeito de direitos ainda encontra-se em construção e que a juventude não é, em hipótese alguma, homogênea. Experimentar a juventude possui um significado mais amplo que simplesmente preparar-se para a vida adulta. Como aponta Abramo (2005, p. 43) “hoje o alerta inicial é o de que precisamos falar de juventudes no plural, e não de juventude, no singular, para não esquecer as diferenças”. O tema juventude na atualidade é considerado como um problema político no Brasil, demonstrando grandes avanços neste sentido, visto que se almeja obter maior espaço nas agendas governamentais.

Levando-se em consideração os mecanismos pelos quais vai se estabelecendo o termo juventude na dinâmica social, percebe-se, portanto, que este é produto de uma construção

histórica, cultural e relacional das sociedades contemporâneas, estando sujeito a modificações decorrentes das transformações sociais. (LÉON, 2005)

### 3. EDUCAÇÃO E JUVENTUDE

Pesquisas apontam que o Brasil tem experimentado nas últimas décadas uma relativa diminuição das desigualdades educacionais. Essas disparidades sócio-educativas permanecem como desafio a ser superado, sobretudo quando falamos de juventude de origem popular. Zago (2007), apoiada em estudos recentes, afirma que houve uma diversificação na composição social de estudantes universitários, desmistificando as proposições que levavam a crer que o ensino superior privado teria um público maior formado por aqueles pertencentes às famílias de menor poder aquisitivo, enquanto que as universidades públicas seriam território da elite brasileira.

Certamente, como indica Regina Novaes (2002) e Abramo (2005), há uma estreita relação entre a condição juvenil e as formas como é vivida e organizada, relação essa que se explicita fortemente no campo educacional. De fato, as desigualdades sociais, entendidas em seu sentido mais amplo, evidenciam-se nessa diversidade de experiências que marcam a vida dos jovens.

*É evidente que não se esvanece a discussão sobre as desigualdades e injustiças presentes nessas diferenças; ao contrário, tal debate pode tomar mais concretude justamente porque os jovens dos setores mais desfavorecidos podem, agora, se pronunciar a respeito de sua experiência como jovens e expressar aquilo que lhes faz falta, que desejam e almejam para viver de forma digna e satisfatória sua juventude, em vez de se verem apenas no registro da negação de tal identidade. (ABRAMO, 2005, p. 44)*

Apesar do crescimento dos índices de acesso ao ensino superior no Brasil, devemos observar como tem se desenvolvido esse processo de expansão uma vez que um número significativo de jovens permanece excluído da universidade. Resta-nos compreender os elementos que compõem esse cenário. Segundo Abramo (2005), apesar de quantitativamente ter havido um aumento do número de ingressos no ensino médio e superior, tem se observado um movimento decrescente no mundo dos jovens que concluem esses níveis de ensino:

*Já os jovens das faixas etárias seguintes em grande medida já esbarraram no funil representado pelos ensinos médio e superior. Embora o número de estudantes matriculados nesses dois níveis de ensino também tenha crescido muito nos últimos anos no Brasil, ainda estamos longe de contar com cobertura completa, e nesses casos as diferenças socioeconômicas, étnicas e regionais passam a pesar de modo mais profundo (p.50)*

Um aspecto que pode contribuir para a compreensão desse panorama encontra-se nos escritos de Bourdieu (1998) onde destaca que o capital cultural, quanto mais aproximado da cultura escolar poderá tornar o indivíduo bem sucedido, porém se fora dos padrões impostos “indiretamente” pela escola, tende a reproduzir as desigualdades sociais, ou seja, a escola contribui para a reprodução da cultura das classes dominantes.

Cagliari (2004) coloca que antigamente as classes privilegiadas detinham não só o poder econômico, mas o controle sobre o acesso ao saber. Nos nossos dias, esses setores conservam a supremacia econômica, porém lutam constantemente para não perder mais do que já perderam em relação ao controle do saber.

Nesta perspectiva, Charlot (2005) nos lembra que:

*Há também sujeitos dominados para os quais a escola e o saber possibilitam compreender o que se vive e sair da dominação, alunos do meio popular que encontram no saber sentido e prazer, que, às vezes, se engajam na conquista voluntária do sucesso escolar e, graças a esse sucesso, de um futuro melhor. A posição social produz seus efeitos pelo desejo, pela atividade, pela história do sujeito; ela não determina direta e automaticamente o sucesso ou o fracasso escolar (p.53)*

Um outro aspecto a ser observado refere-se ao fato de boa parte da juventude brasileira ingressar no mercado de trabalho precocemente, particularmente quando se trata de jovens desfavorecidos. Em verdade, para significativa parcela dessa juventude, o trabalho aparece como elemento constitutivo da própria condição de jovem (ABRAMO, 2005). Neste sentido, sobre a relação que o jovem estabelece com o trabalho, Charlot (2006, p.32) indica que “o trabalho não é somente uma fonte de sustentação, mas é também um recurso social e subjetivo”; acrescenta ainda que “o emprego proporciona dinheiro e, ainda, auto-estima e reconhecimento social”.

Some-se a isso a forma como o trabalho vem se constituindo frente às necessidades sociais, principalmente, no que se refere aos jovens; no entanto, o drama posto não é o fato de estudar e trabalhar simultaneamente, mas sim da ausência de emprego para muitos deles ou da natureza das ocupações nas quais se encontram vinculados.

*Talvez por isso mesmo a juventude, mais que a adolescência, se tenha tornado hoje um termo - chave, uma vez que as suas questões tocam em temas que são centrais nesta conjuntura histórica. A sua demanda principal é de inserção, numa sociedade que vive profundamente os problemas da exclusão, numa estrutura socioeconômica em que “não cabe bem todos” (ABRAMO, 2005, p. 70)*

Estudar e trabalhar é uma realidade recorrente entre jovens desfavorecidos e compõe uma equação social de difícil equilíbrio uma vez que “o valor dos certificados escolares no mercado de trabalho e o ‘capital social’ constituído pela rede de contatos dos sujeitos envolvidos são cruciais para o sucesso ou fracasso do jovem” (TEIXEIRA, SILVA, 2008). Depreende-se, portanto, que há valores para os quais cada classe atenta e valoriza de tal forma que estes, somados a uma série de outros fatores, possibilitam o sucesso ou fracasso escolar desse estudante. “O modo como os jovens vivem essa etapa de vida também se altera, uma vez que a escolaridade já não se afigura mais como elemento garantidor da entrada no mundo do trabalho” (SPÓSITO, 2003).

#### **4. UM OLHAR SOBRE O ESTUDANTE DE ORIGEM POPULAR DA UFS**

Percebe-se que para o jovem oriundo dos meios populares, muitas são as circunstâncias que perpassam sua trajetória escolar. O acesso desses indivíduos ao ensino superior é marcado por sérias dificuldades; contudo, a chegada desses jovens à universidade tem significado o rompimento de barreiras que outrora os impediam de nela ingressar. Cabe aqui analisarmos quais os fatores que têm possibilitado o ingresso e a permanência desses jovens nas universidades públicas, particularmente na UFS (Universidade Federal de Sergipe). “Poderíamos dizer que esses jovens representam o que a sociologia convencionou chamar de êxitos atípicos: o sucesso é obtido à custa de muito esforço, sofrimento, obstinação e ‘luta’ contra o fatalismo de destinos sociais” (TEIXEIRA; SILVA, 2007).

Pesquisa recente voltada à identificação do perfil dos jovens sergipanos aponta dados preocupantes, quais sejam: 87% destes pertencem às classes C, D e E e a mesma porcentagem de jovens analfabetos equivale a de jovens com nível superior – 6%. O estudo traça também um

paralelo entre o jovem sergipano e o europeu, observando sua relação com a família (CHARLOT, 2006):

*A relação dos jovens sergipanos com a família é semelhante à dos jovens da Europa e dos demais Estados brasileiros, onde foi evidenciado também o vínculo forte com a família, em especial com a mãe. Entretanto, a família não cumpre apenas funções afetivas e educacionais, ela também sustenta o jovem e, desse ponto de vista, a família continua sendo uma base de sobrevivência mais difícil de ser substituída no Brasil do que na Europa. (p.231-232)*

Como afirma Spósito (2003), a condição juvenil na modernidade está, intrinsecamente, relacionada à manutenção de relações importantes entre duas agências primordiais da reprodução social – a família e a escola. Entende-se, portanto, que a contribuição destas instituições sociais vai além do papel de educar e instruir, incluindo-se na função de condicionante na construção do jovem moderno, principalmente, o ocidental.

A família, instituição da qual emana boa parte dos estímulos positivos que motiva os jovens a prolongar a escolaridade, é vista também como aquela que não mede esforços para mantê-lo na escola bem como na universidade quando este não possui outra fonte de renda.

Um traço muito importante a ser considerado é que ao não encontrar na família recursos econômicos para manter-se na universidade, os jovens recorrem a Programas de Assistência Estudantil. Em nossa investigação, voltada para a Universidade Federal de Sergipe, observamos que os Programas de Bolsas de Trabalho, de Iniciação Científica, Residência Universitária e de Monitoria, implementados pela universidade, destacam-se no atendimento a esses jovens estudantes, visto que possibilitam a um considerável número de universitários, tanto uma atividade de trabalho como o acesso a um recurso que os auxiliam nas despesas de manutenção no ensino superior, porque demanda inúmeras despesas para as quais se torna imprescindível um auxílio financeiro.

As transformações sócio-econômicas afetam a vida humana de tal forma, que a escola e nem mesmo a universidade dão a devida segurança de futura inserção no mercado de trabalho. No entanto, sabemos que ainda constituem-se como parte do conjunto de fatores que promovem socialmente os indivíduos e interessa-nos a trajetória daqueles provenientes de camadas populares por serem o alvo do sistema reprodutor das desigualdades sócio educativas em nossa sociedade.

É relevante atentarmos-nos que, nas últimas décadas, houve uma expansão tanto na oferta da educação básica quanto do ensino superior. Entretanto, este último foi fortalecido no setor privado representando 90% das instituições e 70% do total de matrículas (ZAGO, 2007).

Estes dados nos conduzem a uma reflexão: Por que as Políticas Mercantilistas do Ensino Superior investem tanto no fortalecimento do Setor Privado, ao invés de qualificarem e ampliarem o número de Universidades Públicas?

Ainda sobre esse aspecto, cabe a indagação sobre a funcionalidade escolar dentro do contexto social das camadas desfavorecidas. Para Pierre Bourdieu (1998), o sistema escolar é um dos mais eficazes fatores de conservação social, por atribuir aparência de legitimidade às desigualdades sociais e sancionar a herança cultural, tratando o dom social como algo natural. O número de jovens que tem acesso ao ensino superior é resultado de uma seleção direta ou indireta que vai acontecendo durante todo o percurso escolar. Segundo Bourdieu, as diferenças de êxito não estão relacionadas somente à diferenciação de dons, mas, como já foi citado, ao capital cultural que cada família transmite aos seus filhos e ao sistema de valores implícitos e interiorizados que auxiliam nas atitudes frente a esse capital cultural e à Instituição Escolar. Para ele, por mais que se democratize o acesso ao ensino por meio da escola pública e gratuita, continuará existindo uma forte correlação entre as disparidades sociais, sobretudo, culturais e as desigualdades ou hierarquias internas ao sistema de ensino (BOURDIEU, 1998).

Desde as séries iniciais, vai acontecendo um processo seletivo em que alguns alunos, por se destacarem mais que outros, são considerados como portadores de um dom natural recebendo a denominação de “bons e aplicados estudantes”; na verdade, sabemos que a diferença de êxito entre eles vai muito além de uma habilidade própria do indivíduo. Para Bourdieu (apud NOGUEIRA, 2002), a herança cultural é um dos fatores mais relevantes à diferenciação inicial das crianças diante da experiência escolar e posteriormente dos demais êxitos.

Num mundo tão seletivo quanto o nosso, precisamos despertar para os reais interesses do sistema escolar. Devemos investigar, incansavelmente, sobre as estratégias utilizadas pela escola para selecionar os alunos que, possivelmente, obterão sucesso e, como já foi descrito, é imprescindível que conheçamos os mecanismos que aliados à vontade de “vencer na vida” tornou um grupo de jovens de meios populares capaz de ingressar e permanecer em uma Instituição Pública de Ensino Superior.

Nessa perspectiva, Charlot (2005) coloca que há uma correlação estatística entre a origem social e o sucesso/fracasso escolar dos estudantes. Esclarece-nos que “não se pode considerar apenas uma análise em termos de posições sociais, é necessário considerar também a história do sujeito, a de sua construção e a de suas transformações” (p.40). Entende-se, portanto, que apesar da força que a origem social exerce sobre a construção de trajetórias escolares mais ou menos exitosas, não se deve considerá-la como fator único e determinante.

Neste sentido, Spósito (2005) faz uma excelente colocação quanto às preocupações dos jovens brasileiros em relação ao futuro. Muito diferentemente do que boa parte da população acredita, há um considerável número de jovens interessados no tema Educação – por ser este um dos aspectos responsáveis pela concretização de seus projetos futuros, podendo facilitar sua inserção no mundo adulto e no mercado de trabalho. A autora, em suas reflexões, expõe o fato de que a instituição familiar é a mais apontada entre os jovens de meios populares como o principal suporte nas questões de ensino, enquanto os situados no ápice da pirâmide social atribuem à própria escola.

Dentro dessa esfera tão ampla que é a educação, vários pesquisadores colocam a dedicação e a autodeterminação dos estudantes oriundos das classes populares, como alguns dos elementos mais relevantes para a obtenção de excelentes resultados escolares (ZAGO, 2007).

Simultaneamente, as análises traçadas sobre a juventude sergipana parecem estar em sintonia com as pesquisas de recorte nacional tal como podemos verificar no balanço elaborado por Charlot (2006):

*São jovens que acompanharam as evoluções da sociedade contemporânea, dos costumes, dos valores, sem, por isso, deixarem de ser brasileiros, sergipanos, filhos de seu pai e da sua mãe. São jovens que enfrentam as contradições da segunda modernidade e, às vezes, a pobreza, a discriminação, a violência, a corrupção, com a capacidade de se indignar, a energia e a disponibilidade que são um marco da juventude. (p.235)*

A mobilização do estudante é um importante fator que contribui para o prolongamento da escolarização e o que nos parece escolha, na maior parte das vezes, é uma adaptação por parte do estudante de camada popular que, diante de suas condições sociais, luta para não ser excluído.

Isto nos remete para a situação em que o jovem, não encontrando em outras instituições sociais apoio para o prolongamento de seus estudos, busca em si essa força que o fará superar as dificuldades advindas de sua condição social. Essa superação ultrapassa o anseio de desempenhar-se profissionalmente, mas envolve a sua aspiração em ser reconhecido socialmente, passando a ser um sujeito ativo que participa com mais vivacidade em sua realidade social.

Se analisássemos, superficialmente, a decisão quanto ao curso superior a ser feito, seríamos tentados a acreditar que os próprios indivíduos através de seus interesses particulares, percepções e valores decidem – de forma muito independente – os seus destinos. Todavia, não

os fazem de maneira aleatória a partir de atributos de caráter idiossincrático, mas em função de características socioeconômicas e acadêmicas, de seu gênero, de sua idade e de seu pertencimento étnico (NOGUEIRA, 2007).

Buscamos observar, nos sujeitos investigados, como estes aspectos citados por Nogueira entrelaçam-se com o sucesso escolar alcançado por eles. Para este, fatores tais como: o capital cultural e o capital econômico estabelecem uma estreita relação ao processo decisório pelo qual passam antes de iniciar o curso superior. É certo que outras motivações como o percurso escolar, a “rede social” da qual fazem parte e, sobretudo, a origem familiar têm apontado para esta escolha.

Perceber os mecanismos que impulsionaram esses indivíduos de camadas populares na escolha de seus cursos é muito relevante, levando-se em consideração que esse processo não é, em hipótese alguma, caracterizado por neutralidade e perpassa o longo caminho trilhado na escola.

Como observa Zago (2007), o acesso ao ensino superior não ocorre ocasionalmente, mas como fruto da trajetória escolar – que em sua maioria é caracterizada pelo bom desempenho. Logo, procuraremos desmistificar como este grupo de estudantes quebra o círculo vicioso das desigualdades sociais que marcam suas vidas, mas não os impede de ingressar e permanecer na universidade.

Para melhor compreendermos a dinâmica vivenciada por esses jovens oriundos de camadas populares que buscam a universidade pública, especificamente a Universidade Federal de Sergipe, realizamos cerca de dez entrevistas que compuseram uma amostra a partir dos seguintes critérios: ser estudante universitário da UFS, pertencer à camada popular, fazer parte de algum Programa desenvolvido pela Universidade que mantenha alguma relação com a permanência deles nesse espaço, garantir que essa amostra aleatória tivesse certo equilíbrio entre estudantes de ambos os sexos e buscar universitários de diferentes áreas do conhecimento.

Apresentamos a seguir um quadro com o perfil geral dos jovens entrevistados:

IDENTIFICAÇÃO	SEXO	IDADE	CURSO-PERÍODO/INGRESSO NA UFS	ATIVIDADE/TRABALHO	REDE DE ENSINO ONDE ESTUDOU	OBSERVAÇÕES
X	F	20	Artes Visuais, 4°. 2007-1	Bolsista de trabalho na UFS.	Pública	Estudou no Pré universitário do governo estadual (PRÉ-SEED).
A	F	19	Pedagogia, 5°. 2006-2	Bolsista voluntária de Iniciação Científica.	Pública	Aprovada no primeiro vestibular.
B	F	28	Letras-Francês, 6°. 2006-1	Agente de Saúde Concursada.	Pública	Estudou no Pré universitário do governo estadual (PRÉ-SEED).
C	F	20	Letras-Espanhol, 5°. 2007-1	Bolsista de trabalho na UFS.	Pública	Aprovada no primeiro vestibular.
D	F	24	Letras-Espanhol, 5°. 2007-1	Bolsista de trabalho na UFS.	Particular	Aprovada no segundo vestibular.

IDENTIFICAÇÃO	SEXO	IDADE	CURSO-PERÍODO/INGRESSO NA UFS	ATIVIDADE/TRABALHO	REDE DE ENSINO ONDE ESTUDOU	OBSERVAÇÕES
Y	M	20	Ciências Sociais, 6°. 2006-2	Bolsista remunerado de Iniciação Científica e Residente Universitário.	Pública	Idem à obs. da jovem X. É também residente.
E	M	25	Matemática, 4°. 2007-1	Assistente Administrativo concursado, mas já foi monitor.	Pública	Idem à obs. da jovem X. Foi aprovado na quarta tentativa do vestibular.
F	M	23	Matemática, 5°. 2007-1	Vigilante concursado, mas já foi monitor.	Pública	Proveniente de outro estado.
G	M	20	Economia, 5°. 2007-1	Bolsista de trabalho na UFS.	Pública	Proveniente de outro estado.
H	M	21	Engenharia Florestal, 3°. 2008-1	Bolsista de trabalho na UFS.	Pública e Particular	Proveniente de outro estado.

Traçando uma análise geral do perfil desses jovens estudantes, percebe-se que eles se encontram com a faixa etária entre 19 e 28 anos, distribuídos entre diferentes cursos: Letras, Ciências Sociais, Artes Visuais, Engenharia Florestal, Economia, Pedagogia e Matemática. Considerando o conjunto das dez entrevistas, computamos que 10% deles estudaram em escola particular, outros 10% mesclaram nas duas redes de ensino e 80% estudaram sempre em escola pública. Segundo os dados levantados no decorrer da pesquisa, 90% já tiveram ou ainda mantêm conexão com algum programa desenvolvido pela universidade. Vale destacar que dois deles já foram monitores, três possuem bolsas de trabalho, outros dois são bolsistas de iniciação científica, sendo um remunerado e outro voluntário e um estudante mora em residência universitária.

Embora tenhamos um quantitativo de dez entrevistas, nos debruçamos mais detidamente sobre duas delas, sendo uma da jovem X, estudante de Artes Visuais e a outra do jovem Y, estudante de Ciências Sociais, para que de forma mais criteriosa possamos compreender o que é ser um estudante universitário em uma universidade como a UFS.

Nas entrevistas dos dois jovens, estudantes universitários escolhidos para uma análise mais específica, observamos que ambos sempre estudaram em escola pública e fizeram o curso preparatório para o vestibular ofertado pela SEED (Secretaria de Estado da Educação), conhecido como PRÉ-SEED, visto que sentiam a necessidade de sistematizar melhor as informações e habilidades que lhes seriam necessárias para ingressar na universidade.

O sucesso escolar é marca em suas vidas, todavia não lhes foi suficiente para garantir o acesso ao ensino superior; outras estratégias vão se sedimentando a fim de que o objetivo por eles delimitado: serem aprovados no vestibular, fosse alcançado. É fundamental considerar que passar nessa seleção para garantir o acesso na universidade pública é um aspecto que emerge claramente na fala dos estudantes:



Bem, assim pelas minhas condições financeiras, eu já não podia contar com Universidade particular, mas com a UFS eu teria certeza sim que eu poderia passar. (Estudante X)

Ao conquistá-lo, há outro desafio a superar: permanecer na universidade, prova disso é que ambos possuem algum vínculo com programas desenvolvidos na Universidade Federal de Sergipe. Refiro-me ao jovem Y que é bolsista remunerado de iniciação científica e mora em residência universitária, mantida pela universidade, e à jovem X que possui uma bolsa de trabalho. Sobre essa experiência, relatam:

Foi bom em todos os sentidos, tanto como estudante pobre que sou, precisei da bolsa para sobreviver. Eu sobrevivi da bolsa e ajudei meus pais com o dinheiro da bolsa. (Estudante Y)

Dá pra uma xérox, eu não preciso tá pedindo a meus pais, meu transporte ...com esse auxílio que eu tenho da bolsa trabalho me ajuda muito na compra dos meus materiais, apesar que é dividido em cartões, em várias prestações. Mas eu tenho que ter os meus materiais, até para o meu conhecimento crescer, né? (Estudante X)

A mobilização do estudante e o apoio familiar são traços presentes em suas histórias. As falas dos entrevistados, ao se referir à família e ao esforço individual, evidenciam a importância dada a esses condicionantes em suas trajetórias:

Qualquer coisa nós estamos aqui pra te ajudar e até hoje, estão do meu lado. (Estudante X)

Ter os pés no chão e dizer: não, eu quero isso e eu vou correr atrás, sabe? Estudar mesmo! (Estudante X)

## 5. CONCLUSÕES

Os dados informaram que embora a condição juvenil seja vivenciada de forma desigual e diversa, em função de um elenco de fatores, os jovens de camadas populares em estudo, sendo tão diferentes entre si e, ao mesmo tempo, tão próximos em sua realidade, sedimentaram experiências e criaram mecanismos de superação, demonstrando o que os autores aqui abordados discutem. (NOVAES, 2002)

Identificamos estes jovens como aqueles que venceram as barreiras da seleção para o ingresso ao ensino superior à custa de muita dedicação e luta, que mediante a participação em programas como o PIBIC (Programa de Iniciação Científica), Programa Bolsa de Trabalho, Monitoria e Programa Residência Universitária estão produzindo suas trajetórias na Universidade Pública.

Nota-se também que para os jovens, oriundos dos meios populares, diversas são as dificuldades que permeiam suas vidas. Entretanto, o objetivo delimitado, o sonho projetado e a autodeterminação mobilizaram esses jovens a superar as desigualdades educacionais que o Brasil ainda tem experimentado nas últimas décadas (ZAGO, 2007).

Denota-se, portanto, que o significado de ser um estudante universitário para os dois entrevistados, sobre os quais nos debruçamos a analisar, está relacionado a um privilégio. Os jovens entrevistados atribuem grande importância ao ensino superior, destacando-o como prazeroso, apesar das dificuldades que enfrentaram em suas trajetórias sócio-educacionais e as encontradas no interior da própria universidade; estes demonstram interesse em dar continuidade aos estudos, vendo a graduação como o primeiro passo para as demais etapas de formação como o mestrado e doutorado. Essa característica não se restringe apenas a eles, mas está presente nos projetos de vida de outros estudantes também investigados aqui. Além disso,

vale pontuar que não raro esses jovens rompem a lógica da baixa escolaridade que caracteriza suas famílias, tal como é o caso do jovem Y cujos pais possuem o ensino fundamental incompleto. Do rompimento dessa lógica, produz-se para o jovem e para sua família um sentimento de orgulho, da conquista que é individual, mas é também familiar e social.

Esse desejo e interesse em avançar na escolarização é uma marca do grupo dos estudantes investigados, independente do curso ao qual estejam vinculados. Em verdade, esses jovens de origem popular, estudantes universitários da UFS, são produtos de uma intensa busca por seu espaço na Universidade Pública, engajados em se comprometer como agente social, responsável por mudanças na realidade que considere injusta e desigual, vendo na universidade a possibilidade de auto construir-se intelectual e socialmente. Nesse sentido, o entrevistado X, estudante de Ciências Sociais, demonstra seu comprometimento com uma Universidade que melhor atenda às camadas menos favorecidas:

A gente tem que lutar para a Universidade criar mais políticas de assistência estudantil; aumentar o número de residências, aumentar o número de livros na biblioteca, aumentar o incentivo financeiro para estudantes pobres irem a congressos... E uma série de outras coisas que são necessárias para uma formação e que são negadas ao estudante pobre e que ele não tem condições de ter e não adianta você colocá-lo na Universidade e não garantir isso. É um dever do Estado. (Estudante Y)

Em que pese os limites, embora as pesquisas apontem a presença das camadas populares no espaço da Universidade Pública, é preciso atentar que ainda a muito a se constituir enquanto política pública educacional para que o acesso e a permanência desse público sejam assegurados com qualidade, pois os retratos das desigualdades sociais que o Brasil enfrenta atingem diretamente a educação, em especial, à pública anunciando desafios que temos a superar.

- 
1. ABRAMO, Helena Wendel. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo, In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
  2. BOURDIEU, Pierre. *Escritos da Educação*. Petrópolis: Vozes, Tradução. Maria Alice Nogueira; Afrânio Catani, 1998.
  3. CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Lingüística*. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2004.
  4. CHARLOT, Bernard. *Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
  5. CHARLOT, Bernard. *Jovens de Sergipe: como são eles, como vivem, o que pensam*. Aracaju: Unesco, 2006.
  6. FREITAS, Maria Virgínia de; ABRAMO, Helena Wendel; LÉON, Oscar Dávila (orgs.). *Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais*. 2. ed. São Paulo: Ação Educativa, 2005.
  7. GALVÃO, Maria Cristina da Silva. *Quem são os alunos que vencem o Percorso Escolar numa Escola Pública de Prestígio? O Caso do Colégio Pedro II*. GT: Sociologia da Educação/n.14. ANPED, 2007.
  8. LDB (*Lei de Diretrizes e Bases da Educação*), Lei N°. 9.394, de dezembro de 1996. SINTESE, 2007.
  9. MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. *Pesquisa Social: teorias, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
  10. NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. *O Processo de Escolha do Curso Superior: Análise Sociológica de um Momento Crucial das Trajetórias Escolares*. GT: Sociologia da Educação/n. 14. ANPED, 2007.
  11. NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuição. In: *Educação & Sociedade*. N°. 78, Abril/2002.
  12. NOVAES, Regina. Juventude e Sociedade: Jogos de Espelhos. In: *Sociologia especial*, ano I, N°. 2, 2002.
  13. PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (Orgs). *Sociologia da Educação: Pesquisa e realidade brasileira*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

- 
14. SILVA, Veleida Anahí da; TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. *Jovens Universitários de Origem Popular, Alterando Percursos*. GT: Sociologia da Educação/n.14. ANPED, 2007.
  15. TEIXEIRA, Ana Maria Freitas; SILVA, Veleida Anahí da. *Os Jovens Entre As Certezas e Incertezas: Dilemas Da Relação Educação e Trabalho na Sociedade Contemporânea*. In: Pluralidade de saberes e territórios de pesquisa em educação sob múltiplos olhares dos sujeitos investigadores/organização, Maria Helena Santana Cruz- São Cristóvão: Editora UFS, 2008.
  16. TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. *Projeto de Pesquisa: Jovens de camadas populares: acesso e permanência na universidade*. 2007.
  17. SPÓSITO, Marília Pontes. Algumas Reflexões e Muitas Indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Acleno Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da Juventude Brasileira, Análises de uma pesquisa nacional*, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
  18. SPÓSITO, Marília Pontes. Trajetórias na Constituição de Políticas Públicas de Juventude no Brasil, cap.3, p.57-75. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Feranda Carvalho (Orgs). *Políticas Públicas: Juventude em Pauta*. São Paulo: Cortez: Ação Educativa, 2003.
  19. ZAGO, Nadir. *Processos de escolarização nos meios populares* As contradições da obrigatoriedade escolar. Cap.1. Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares/ Maria Alice Nogueira, Geraldo Romanelli, Nadir Zago (Orgs). 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
  20. ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. In: *Revista Brasileira de Educação*, v.11, n°. 32, 2006.